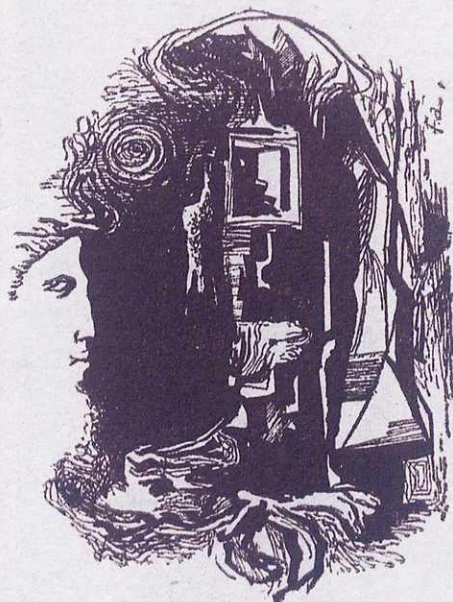


FERNANDO PESSOA

POEMAS INÉDITOS

destinados ao n.º 3 do «Orpheu»



COM UM PREFÁCIO DE
ADOLFO CASAIS MONTEIRO

E UM RETRATO INÉDITO DE
RODRIGUEZ CASTAÑÉ

LISBOA

* INQUÉRITO *

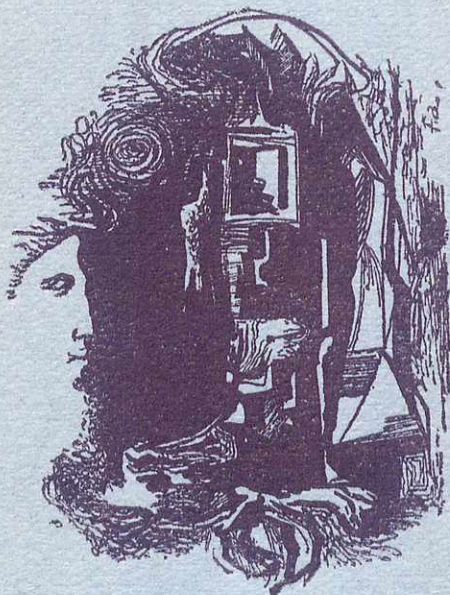
1953

38

FERNANDO PESSOA

POEMAS INÉDITOS

destinados ao n.º 3 do «Orpheu»



COM UM PREFÁCIO DE
ADOLFO CASAIS MONTEIRO
E UM RETRATO INÉDITO DE
RODRIGUEZ CASTAÑÉ

LISBOA
★ INQUÉRITO ★
1953

POEMAS INÉDITOS

COMPOSTO E IMPRESSO NA
IMPRESA LIBÂNIO DA SILVA
TRAV. DO FALA-SÓ, 24 * LISBOA



FERNANDO PESSOA

POR RODRIGUEZ CASTAÑÉ

FERNANDO PESSOA

POEMAS INÉDITOS

destinados ao n.º 3 do «Orpheu»

COM UM PREFÁCIO DE
ADOLFO CASAIS MONTEIRO



EDITORIAL INQUÉRITO LIMITADA

*Lisboa*1953*



PREFÁCIO

CREIO ter sido João Gaspar Simões o primeiro a noticiar a existência de um n.º 3 do «Orpheu» (in «Vida e Obra de Fernando Pessoa»), número que até então se supunha não ter passado de projecto. Se, como é óbvio, conheciam a existência dele pelo menos os mais chegados colaboradores da revista, ninguém, todavia, tinha achado que valesse a pena revelá-la. Do conhecimento público era apenas que, em Setembro de 1916, numa carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Fernando Pessoa lhe anunciava a saída próxima do número 3 do «Orpheu», com um sumário aliás muito diferente (v. «Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues», pág. 79-80), o que não admira, pois as folhas efectivamente impressas são de data de alguns meses posterior a essa carta: — princípios de 1917, depois de Março, segundo afirma Gaspar Simões.

Há alguns anos, Alberto de Serpa adquiriu uma colecção de quatro cadernos desse número, que então pude ver, mas que o seu actual possuidor manteve até hoje na sombra dos seus arquivos, situação que parecia dever perpetuar-se, visto não ser conhecida outra colecção dessas folhas.

O principal interesse de «Orpheu 3» reside no poema «Para além doutro Oceano»: assina-o C. Pacheco, o qual não é senão um heterónimo de Fernando Pessoa, do qual não se conhece outro sinal de vida senão estas «notas» — pois assim vem designado em sub-título. Mas a colaboração de Fernando Pessoa em seu próprio nome,

se não tem o mesmo sabor sensacional, nem por isso é menos valiosa: trata-se de cinco poemas, «Além-Deus», que o poeta nunca voltou a «publicar» — se é possível dizer-se que foram publicados algum dia; precede estes a poesia «Gládio», que inseriu mais tarde na «Athena», e que integrou finalmente, com algumas alterações, na «Mensagem», onde constitui a segunda das «Quinas»: D. Fernando, Infante de Portugal.

Incluem ainda essas 64 páginas: sob o título geral de «Poemas de Paris», as Sete Canções de Declínio, Abrigo, Cinco Horas, Serradura e O Lord, de Mário de Sá-Carneiro, que abrem o número. O próprio Fernando Pessoa foi depois publicando a maior parte desses poemas, que faziam parte de uma obra então inédita, os hoje famosos «Indícios de Ouro». Nelas se encontra também a Cena do Ódio, de Almada-Negreiros, excertos da qual foram depois publicados na «Contemporânea». Da restante colaboração, devida a Albino de Menezes, Augusto Ferreira Gomes, D. Tomás de Almeida e Castelo de Morais, ignoro se foi feita publicação posterior.

Como está implícito desde as primeiras linhas, conhece-se agora outro exemplar destes quatro cadernos de «Orpheu 3» além do que possui Alberto de Serpa. Acabo de o descobrir, não pela mão do acaso, mas de um raciocínio muito simples: o de que, se existia um jogo de tais folhas nas mãos de outra pessoa, havia noventa e nove probabilidades contra uma de que também existisse entre as de Fernando Pessoa — e muitas probabilidades também de que este não se tivesse perdido. Primeiro, pelo cuidado com que, segundo se sabe, Fernando Pessoa conservava os seus papéis; segundo, pela atenção que os seus herdeiros puseram em os preservar. O meu cálculo verificou-se certo, e nem sequer gastei muito tempo a comprová-lo: no meio de revistas ainda por arrumar, no alto de uma estante, não tardaram a surgir as preciosas folhas.

A colecção de folhas que pertenceu a Fernando Pessoa não está

completa; faltam oito páginas: de 189 a 192, e de 225 a 228 (a numeração continua a do número anterior, e vai de 165 a 228 (V. Gaspar Simões, o. cit., I v. pág. 231, nota). As páginas que faltam correspondem à colaboração de Ferreira Gomes e Castelo de Moraes, aos quais possivelmente Fernando Pessoa as terá oferecido. Ou, hipótese que me parece apresentar menos probabilidade, ainda se encontrarão. Mas o facto de só essas terem sido separadas das outras, pois os restantes cadernos encontram-se inteiros, parece-me comprovar a primeira hipótese. Por outro lado, também me parece que o facto de ambos os jogos de folhas conterem as mesmas 64 páginas se pode considerar «quase» a prova de não terem chegado a imprimir-se senão essas 64 páginas, pois seria de estranhar que nem numa nem noutra das duas colecções se tivessem conservado as restantes, a terem chegado a imprimir-se. É de notar que se trata de folhas impressas, e não de provas, como pretendeu o compilador fantasista que, sob o título «Apreciações Literárias», reuniu e comentou vários textos de Fernando Pessoa. Segundo todas as probabilidades, e fosse qual fosse o motivo que fez suspender a impressão, essas folhas doravante inúteis teriam sido destruídas à excepção dos dois jogos que conhecemos.

Embora reconhecendo que a reprodução completa das 64 páginas possa ter algum interesse, não hesito em afirmar que, hoje, publicados há muito os poemas de Sá-Carneiro, assim como, embora com alguns cortes, a *Cena do Ódio de Almada*, a importância, a significação deste número 3 reside nas 10 páginas de poesias inéditas de Fernando Pessoa aqui dadas a lume.

Respeita-se a ortografia, assim como a disposição gráfica do texto; esta é idêntica à dos n.ºs 1 e 2 do «Orpheu», em cujo primeiro volume este malogrado terceiro se integraria, como se verifica pelas cabeças das páginas pares, nas quais se lê: «Orpheu — Vol. I — 1917».

À irmã do poeta, Exm.^a Senhora D. Henriqueta Rosa Dias, e a seu marido, o Exm.^o Sr. Tenente-Coronel Francisco Caetano Dias, estou profundamente reconhecido pela lhaneza com que me franquearam o acesso aos tesouros que têm à sua guarda, assim como pela autorização de tornar público o fruto das minhas buscas. Devo à gentileza do Dr. Eduardo Freitas da Costa poder reproduzir o retrato de Pessoa, obra de Rodriguez Castañé, que ilustra a presente edição.

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

GLADIO E ALÉM-DEUS

POEMAS DE

FERNANDO PESSOA



GLADIO

A Alberto Da Cunha Dias

Deu-me Deus o Seu Gladio, porque eu faça
A Sua sancta guerra.
Sagrou-me Seu em genio e em desgraça
A's horas em que um vento frio passa
Por sobre a fria terra.

Poz-me as mãos sobre os hombros e dourou-me
A fronte com o olhar:
E esta febre de Além, que me consome,
E este querer-justiça são Seu Nome
Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do Gladio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha Alma!

ALÉM-DEUS

I

ABYSMO

Olho o Tejo, e de tal arte
Que me esquece olhar olhando,
É subito isto me bate
De encontro ao devaneando —
O que é ser-rio, e correr?
O que é estal-o eu a ver?

Sinto de repente pouco,
Vacuo, o momento, o lugar.
Tudo de repente é ôco —
Mesmo o meu estar a pensar.
Tudo — eu e o mundo em redór —
Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,
E do pensar se me some.
Fico sem poder ligar
Ser, idéa, alma de nome
A mim, á terra e aos céus...

E subito encontro Deus.

II

PASSOU

Passou, fóra de Quando,
De Porquê, e de Passando...

Turbilhão de Ignorado,
Sem ter turbilhonado...

Vasto por fóra do Vasto
Sem ser, que a si se assombra...

O universo é o seu rasto...
Deus é a sua sombra...

III

A VOZ DE DEUS

Brilha uma voz na noute...
De dentro de Fóra ouvi-a...
Ó Universo, eu sou-te...
Oh, o horror da alegria
D'este pavor, do archote
Se apagar, que me guia!

Cinzas de idéa e de nome
Em mim, e a voz: *O' mundo,*
Sêrmente em ti eu sou-me...
Mero echo de mim, me innundo
De ondas de negro lume
Em que pra Deus me afundo.

IV

A QUEDA

Da minha idéa do mundo
Cahi...
Vacuo além de profundo,
Sem ter Eu nem Alli...

Vacuo sem si-proprio, chaos
De ser pensado como ser...
Escada absoluta sem degraus...
Visão que se não pode ver...

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma...
Clarão de Desconhecido...
Tudo tem outro sentido, ó alma,
Mesmo o ter-um-sentido...

V

BRAÇO SEM CORPO BRANDINDO UM GLADIO

Entre a árvore e o vela
Onde está o sonho?
Que arco da ponte mais vela
Deus?... E eu fico tristonho
Por não saber se a curva da ponte
É a curva do horizonte...

Entre o que vive e a vida
Pra que lado corre o rio?
Árvore de folhas vestida —
Entre isso e Árvore ha fio?
Pombas voando — o pombal
Está-lhes sempre á direita, ou é real?

Deus é um grande Intervallo,
Mas entre quê e quê?...
Entre o que digo e o que calo
Existo? Quem é que me vê?
Erro-me... E o pombal elevado
Está em torno na pomba, ou de lado?

FERNANDO PESSOA

PARA ALEM DOUTRO OCEANO

NOTAS DE
C. PACHECO

A' memoria de
ALBERTO CAEIRO



Num sentimento de febre de ser para além doutro oceano
Houve posições dum viver mais claro e mais limpo
E aparencias duma cidade de seres
Não irreais mas lividos de impossibilidade, consagrados em purêsa e
em nudez
Fui portico desta visão irrita e os sentimentos eram só o desejo de
os ter

A noção das coisas fóra de si, tinha-as cada um adentro
Todos viviam na vida dos restantes
E a maneira de sentir estava no modo de se viver
Mas a forma daqueles rostos tinha a placidez do orvalho
A nudez era um silencio de formas sem modo de ser
E houve pasmos de toda a realidade ser só isto
Mas a vida era a vida e só era a vida

O meu pensamento muitas vês trabalha silenciosamente
Com a mesma doçura duma maquina untada que se move sem fazer
barulho

Sinto-me bem quando ela assim vae e ponho-me imovel
Para não desmanchar o equilibrio que me faz te-lo desse modo
Pressinto que é nesses momentos que o meu pensamento é claro
Mas eu não o oiço e silencioso ele trabalha sempre de mansinho
Como uma maquina untada movida por uma correia
E não posso ouvir senão o deslizar sereno das peças que trabalham
Eu lembro-me ás vezes de que todas as outras pessoas devem sentir
isto como eu

Mas dizem que lhes doi a cabeça ou sentem tonturas
Esta lembrança veiu-me como me podia vir outra qualquer
Como por exemplo a de que eles não sentem esse deslizar
E não pensam em que o não sentem

Neste salão antigo em que as panoplias de armas cinzentas
São a forma dum arcaboço em que ha sinais doutras eras
Passeio o meu olhar materializado e destaco de escondido nas arma-
duras

Aquele segredo de alma que é a causa de eu viver
Se fito na panoplia o olhar mortificado em que ha desejos de não ver
Toda a estrutura ferrea desse arcaboço que eu pressinto não sei porquê
Se apossa do meu senti-la como um clarão de lucidez
Ha som no serem eguais dois elmos que me escutam
A sombra das lanças de ser nitida marca a indecisão das palavras

Distícos de incertêsa bailam incessantemente sobre mim
 Oiço já as coroações de heroís que hão-de celebrar-me
 E sobre este vicio de sentir encontro-me nos mesmos espasmos
 Da mesma poeira cinzenta das armas em que ha sinais doutras eras

Quando entro numa sala grande e nua á hora do crepusculo
 E que tudo é silencio ela tem para mim a estrutura duma alma
 E' vaga e poeirenta e os meus passos teem ecos estranhos
 Como os que ecoam na minha alma quando eu ando
 Por suas janelas tristes entra a luz adormecida de lá de fóra
 E projecta na parede escura em frente as sombras e as penumbras
 Uma sala grande e vazia é uma alma silenciosa
 E as correntes de ar que levantam pó são os pensamentos

Um rebanho de ovelhas é uma coisa triste
 Porque lhe não devemos poder associar outras ideias que não sejam
 tristes
 E porque assim é e só porque assim é porque é verdade
 Que devemos associar ideias tristes a um rebanho de ovelhas
 Por esta razão e só por esta razão é que as ovelhas são realmente
 tristes

Eu roubo por prazer quando me dão um objecto de valor
 E eu dou em troca uns bocados de metal. Esta ideia não é comum
 nem banal
 Porque eu encaro-a de modo diferente e não há relação entre um
 metal e outro objecto
 Se eu fosse comprar latão e desse alcachofras prendiam-me
 Eu gostava de ouvir qualquer pessoa expor e explicar
 O modo como se pode deixar de pensar em que se pensa que se faz
 uma coisa
 E assim perderia o receio que tenho de que um dia venha a saber
 Que o pensar eu em coisas e no pensar não passa duma coisa mate-
 rial e perfeita

A posição dum corpo não é indiferente para o seu equilibrio
 E a esfera não é um corpo porque não tem forma
 Se é assim e se todos ouvimos um som em qualquer posição
 Infiro que ele não deve ser um corpo
 Mas os que sabem por intuição que o som não é um corpo
 Não seguiram o meu raciocinio e essa noção assim não lhes serve
 para nada

Quando me lembro que há pessoas que jogam as palavras para fa-
 zerem espirito
 E se riem por isso e contam casos particulares da vida de cada um
 Para assim se desenfastiarem e que acham graça aos palhaços de circo
 E se incomodam por lhes cair uma nodoa de azeite no fato novo
 Sinto-me feliz por haver tanta coisa que eu não compreendo

Na arte de cada operario vejo toda uma geração a esbater-se
E por isso eu não compreendo arte nenhuma e vejo essa geração
O operario não vê na sua arte nada duma geração
E por isso ele é operario e conhece a sua arte

O meu fisico é muitas vêzes causa de eu me amargurar
Eu sei que sou uma coisa e porque não sou diferente de uma coisa
qualquer
Sei que as outras coisas serão como eu e teem de pensar que eu sou
uma coisa comum
Se portanto assim é eu não penso mas julgo que penso
E esta maneira de me eu acondicionar é boa e alivia-me

Eu amo as alamedas de arvores sombrias e curvas
E ao caminhar em alamedas extensas que o meu olhar afeiçoa
Alamedas que o meu olhar afeiçoa sem que eu saiba como
Elas são portas que se abrem no meu ser incoerente
E são sempre alamedas que eu sinto quando o pasmo de ser assim me
distingue

Muitas vêzes oculto-me sensações e gostos
E então elas variam e estão em acordo com as dos outros
Mas eu não as sinto e tambem não sei que me engano

Sentir a poesia é a maneira figurada de se viver
Eu não sinto a poesia não porque não saiba o que ela é
Mas porque não posso viver figuradamente
E se o conseguisse tinha de seguir outro modo de me acondicionar
A condição da poesia é ignorar como se pode senti-la
Ha coisas belas que são belas em si
Mas a belêsa intima dos sentimentos espelha-se nas coisas
E se elas são belas nós não as sentimos

Na sequencia dos passos não posso ver mais que a sequencia dos passos
E eles seguem-se como se eu os visse seguirem-se realmente
Do facto deles serem tão iguais a si-mesmo
E de não haver uma sequencia de passos que o não seja
E' que eu vejo a necessidade de nos não iludirmos sobre o sentido
claro das coisas
Assim haviamos de julgar que um corpo inanimado sente e vê dife-
rentemente de nós
E esta noção por ser admissivel de mais seria incomoda e futil

Se quando pensamos podemos deixar de fazer movimentos e de falar
Para que é preciso supôr que as coisas não pensam
Se esta maneira de as ver é incoerente e facil para o espirito?
Devemos supôr e este é o verdadeiro caminho
Que nós pensamos pelo facto de o podermos fazer sem nos mexermos
nem falar
Como fazem as coisas inanimadas

Quando me sinto isolado a necessidade de ser uma pessoa qualquer
surge

E redemoinha em volta de mim em espirais oscilantes

Esta maneira de dizer não é figurada

E eu sei que ela redemoinha em volta de mim como uma borboleta
em volta de uma luz

Vejo-lhe sintómas de cansaço e horroriso-me quando julgo que ela vai
cair

Mas de nunca suceder isso acontece eu estar ás véses isolado

Ha pessoas a quem o arranhar das paredes impressiona

E outras que se não impressionam

Mas o arranhar das paredes é sempre igual

E a diferença vem das pessoas. Mas se ha diferença entre este sentir

Haverá diferença pessoal no sentir das outras coisas

E quando todos pensem igual duma coisa é porque ela é diferente
para cada um

A memoria é a faculdade de saber que havemos de viver

Portanto os amnesicos não podem saber que vivem

Mas eles são como eu infelizes e eu sei que estou vivendo e hei-de viver

Um objecto que se atinge um susto que se tem

São tudo maneiras de se viver para os outros

Eu desejaria viver ou ser adentro de mim como vivem ou são os
espaços

Depois de comer quantas pessoas se sentam em cadeiras de balanço

Ageitam-se nas almofadas fecham os olhos e deixam-se viver

Não ha luta entre o viver e a vontade de não viver

Ou então — e isto é horroroso para mim — se ha realmente essa luta

Com um tiro de pistola matam-se tendo primeiro escrito cartas

Deixar-se viver é absurdo como um falar em segredo

Os artistas de circo são superiores a mim

Porque sabem fazer pinos e saltos mortais a cavalo

E dão os saltos só por os dar

E eu se dêsse um salto havia de querer saber porque o dava

E não os dando entristecia-me

Eles não são capazes de dizer como é que os dão

Mas saltam como só eles sabem saltar

E nunca preguntaram a si-mesmos se realmente saltam

Porque eu quando vejo alguma coisa

Não sei se ela se dá ou não nem posso sabe-lo

Só sei que para mim é como se ela acontecesse porque a vejo

Mas não posso saber se vejo coisas que não aconteçam

E se as visse tambem podia supor que elas sucediam

Uma ave é sempre bela porque é uma ave

E as aves são sempre belas

Mas uma ave sem penas é repugnante como um sapo

E um montão de penas não é belo
 Deste facto tão nú em si não sei induzir nada
 E sinto que deve haver nele alguma grande verdade

O que eu penso duma vez nunca pode ser igual ao que eu penso
 doutra vez
 E deste modo eu vivo para que os outros saibam que vivem

A's vêses ao pé dum muro vejo um pedreiro a trabalhar
 E a sua maneira de existir e de poder ser visto é sempre diferente do
 que julgo

Ele trabalha e ha um incitamento dirigido que move os seus braços
 Como é que acontece estar ele trabalhando por uma vontade que tem
 disso

E eu não esteja trabalhando nem tenha vontade disso
 E não possa ter compreensão dessa possibilidade?
 Ele não sabe nada destas verdades mas não é mais feliz do que eu
 com certeza

Em aleas doutros parques pisando as fôlhas secas
 Sonho ás vezes que sou para mim e que tenho de viver
 Mas nunca passa este ver-me de ilusão
 Porque me vejo afinal nas aleas desse parque
 Pisando os folhas secas que me escutam
 Se pudesse ao menos ouvir estalar as folhas secas
 Sem ser eu que as pisasse ou sem que elas me vissem
 Mas as folhas secas redemoinham e eu tenho de as pisar
 Se ao menos nesta travessia eu tivesse um outro como toda a gente

Uma obra prima não passa de ser uma obra qualquer
 E portanto uma obra qualquer é uma obra prima
 Se este raciocinio é falso não é falsa a vontade
 Que eu tenho de que ele seja de facto verdadeiro
 É para os usos do meu pensar isso me basta

Que importa que uma ideia seja obscura se ela é uma ideia
 É uma ideia não pode ser menos bela do que outra
 Porque não pode haver diferença entre duas ideias
 E isto é assim porque eu vejo que isto tem de ser assim
 Um cerebro a sonhar é o mesmo que pensa
 E os sonhos não podem ser incoerentes porque não passam de pen-
 samentos

Como outros quaesquer. Se vejo alguém olhando-me
 Começo sem querer a pensar como toda a gente
 E é tão doloroso isso como se me marcassem a alma a ferro em
 braza

Mas como posso eu saber se é doloroso marcar a alma a ferro em
 braza

Se um ferro em braza é uma ideia que eu não compreendo

O descaminho que levaram as minhas virtudes comove-me
 Conpunge-me sentir que posso notar se quizer a falta delas

Eu gostava de ter de minhas virtudes gostosas que me preenchessem
Mas só para poder gosar o possui-las e serem minhas essas virtudes

Ha pessoas que dizem sentir o coração despedaçado
Mas não entrevistam sequer o que seria de bom
Sentir despedaçarem-nos o coração
Isso é uma coisa que se não sente nunca
Mas não é essa a razão porque seria uma felicidade sentir o coração
despedaçado

Num salão nobre de penumbra em que ha azulejos
Em que ha azulejos azues colorindo as paredes
E de que o chão é escuro e pintado e com passadeiras de juta
Dou entrada ás vêses coerente por demais
Sou naquele salão como qualquer pessoa
Mas o sobrado é concavo e as portas não acertam
A tristeza das bandeiras crucificadas nos entre-vãos das portas
É uma tristeza feita de silencio desnivelada
Pelas janelas réticuladas entra a luz quando é dia
Que entorpece os vidros das bandeiras e recolhe a recantos montões
de negrume
Correm ás vêses frios ventosos pelos extensos corredores
Mas ha cheiro a vernizes velhos e estalados nos recantos dos salões
E tudo é dolorido neste solar de velharias

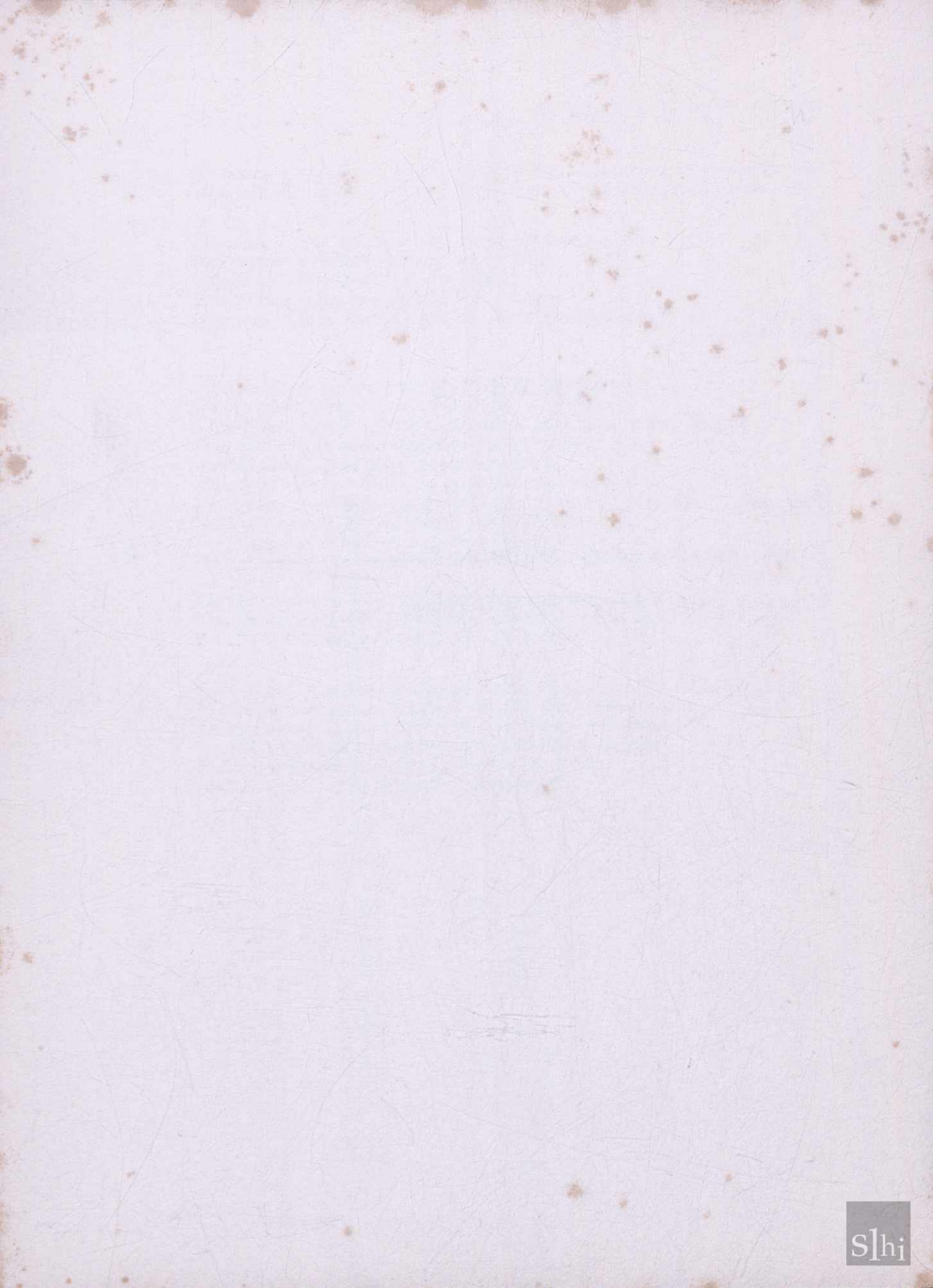
Alegra-me ás vêses passageiramente pensar que hei-de morrer
E serei encerrado num caixão de pau cheirando a resina
O meu corpo ha-de derreter-se para liquidos espantosos
As feições desfar-se-hão em varios pôdres coloridos
E irá aparecendo a caveira ridicula por baixo
Muito suja e muito cançada a pestanejar

C. PACHECO



Í N D I C E

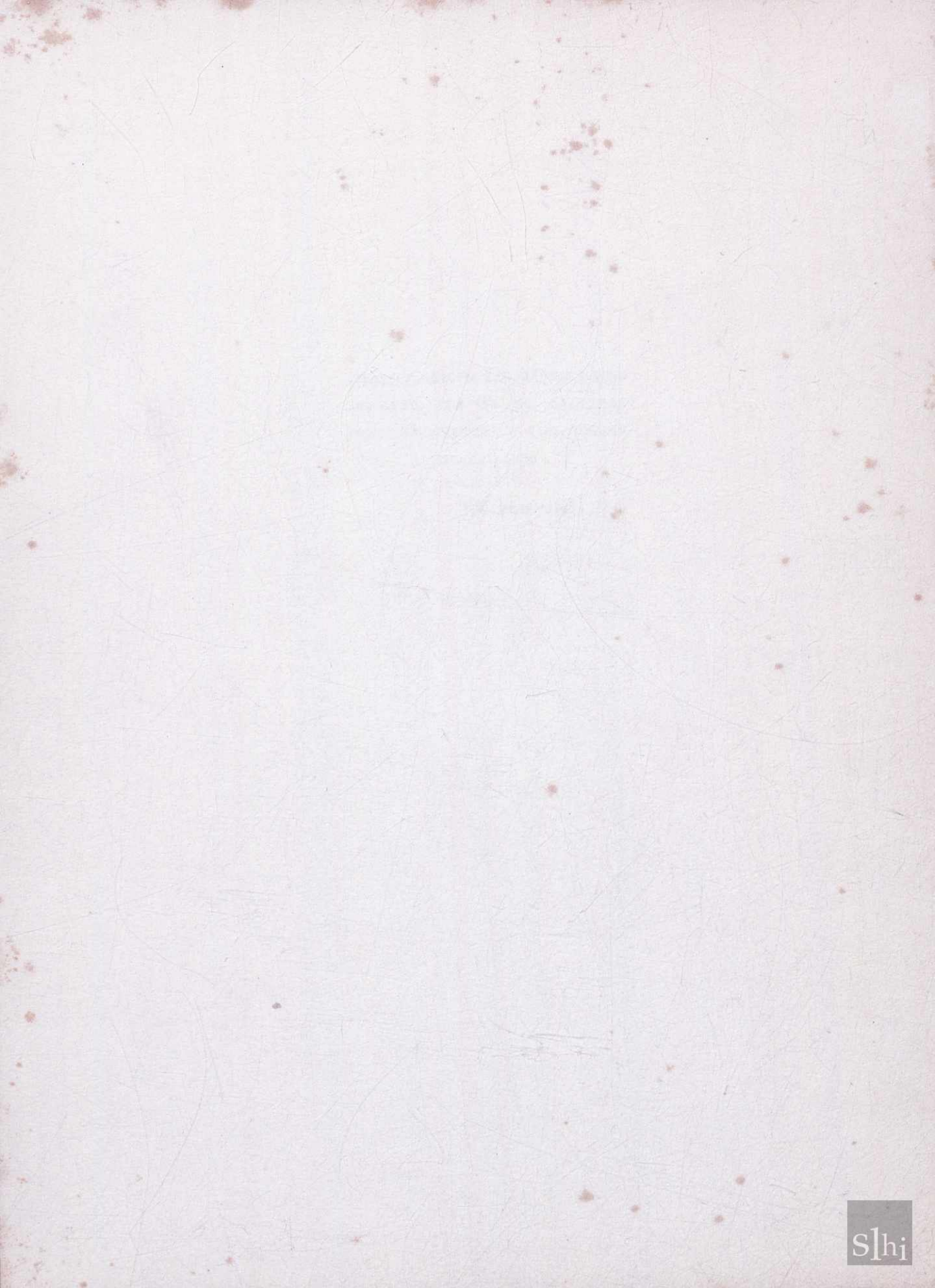
PREFÁCIO	7
GLADIO E ALÉM-DEUS — POEMAS DE FERNANDO PESSOA	II
PARA ALEM DOUTRO OCEANO — NOTAS DE C. PACHECO	17



DESTA EDIÇÃO FEZ-SE UMA TIRAGEM
ESPECIAL DE 60 EXEMPLARES,
NUMERADOS E RUBRICADOS PELO
PREFACIADOR

EXEMPLAR N.º 5

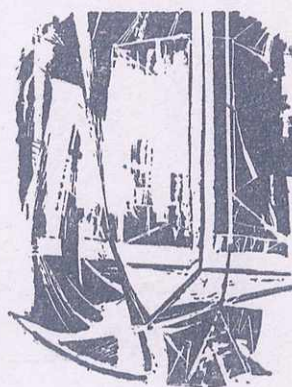
Correio





VINHETAS NA CAPA DE FERNANDO AZEVEDO

Preço: 50\$00



VINHETAS NA CAPA DE FERNANDO AZEVEDO

PREÇO DESTA TIRAGEM ESPECIAL : 50000

